

Editorial

A imaterialidade da música: uma geografia feita de sons e sombras

Abrir o número 50 da Revista E&C é uma honra para os quatro editores deste dossiê. Essa revista, que acaba de completar bodas de prata, é um dos principais canais de divulgação da geografia cultural no Brasil. Desde 1995 vem dedicando suas páginas à construção de um conhecimento renovado em torno desta abordagem. A história deste número revela parte de uma história não só da revista, mas de todo o trabalho que o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura – NEPEC, ajudou a edificar. Esse número é dedicado exclusivamente aos estudos de Geografia e Música e revela a potência criativa que essa abordagem vem conquistando nos últimos anos.

Por uma triste coincidência, no período em que a chamada de artigos estava aberta, tivemos a dolorosa notícia do falecimento do professor João Baptista Ferreira de Mello, em julho de 2021. Esse docente da UERJ foi pioneiro nos estudos sobre música e geografia. Sua dissertação de mestrado, defendida na UFRJ em 1991, teve como título “O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira, 1928 – 1991 – uma introdução à Geografia Humanística”. A dissertação foi a primeira a abordar, no campo da geografia, a música como caminho interpretativo, e teve a orientação do professor Roberto Lobato Corrêa. Ele não apenas foi o pioneiro como, através dele, muitos alunos e alunas passaram a trabalhar com essa abordagem. Segundo levantamento realizado no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, o professor João Baptista foi responsável por 8 dos 9 trabalhos defendidos no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ sobre o tema. Tal dado nos mostra que, além da sua profícua produção bibliográfica,

o professor também se dedicou a formar uma geração de geógrafas/os especializados na pesquisa sobre geografia e música, sobretudo em uma abordagem humanista. Com isso, segundo o levantamento realizado por Lucas Panitz, a UERJ é a universidade brasileira que mais produziu trabalhos em nível de pós-graduação sobre esta temática. João Baptista criou a disciplina de Geografia e Música no IGEOG, tendo entrado em vigor no ano de 2008 e foi, segundo nos consta, o primeiro curso de bacharelado a oferecer essa disciplina na grade. Ou seja, homenagear e agradecer o professor João Baptista é nossa obrigação neste número, por todos os caminhos que ele descerrou na pesquisa e no ensino. Por isso, esse dossiê é dedicado a ele.

Voltando à revista em si, ela sempre deu espaço para diferentes autores e autoras trazerem suas reflexões sobre esse campo. Prova disso podemos notar na história da E&C: dos 292 textos publicados, 22 artigos trataram de música e literatura (Rosendahl, 2020). Deste conjunto, podemos destacar o artigo de Cristiano Nunes Alves (2011) trazendo um interessante estudo dos circuitos de rádios FM em Campinas e a densidade técnica, informacional e comunicacional que ele diagnosticou naquela cidade paulista. Outro exemplo é o estudo de Marta Martinez Ferreira (2016) sobre a viola-de-cocho pantaneira. Porém, o exemplo mais contundente é o de 2019, com o dossiê intitulado *Geografias dos Sons e Literatura*, que apresentou três importantes textos para o campo: o de Lucas Panitz (2019) tratando das Redes Musicais e (re) composições territoriais no Prata, o de Alessandro Dozena (2019) abordando os Sons como linguagens espaciais e o do francês Michel Moreaux (2019), músico performático das artes de rua, que nos ofereceu alguns dos resultados de sua tese doutoral; envolvendo dimensões relacionadas a Performance, Música e Festival Ativista de Fanfarras Honk! Rio 2018.

Além da Revista Espaço e Cultura, o NEPEC publicou pela EdUERJ a famosa *Coleção Geografia Cultural*. Nela, o número do ano de 2007 também foi dedicado à *Literatura, Música e Espaço*. Neste volume encontramos um dos textos mais importantes para quem se dedica a estudar a música através de um olhar geográfico. Trata-se do artigo em português de George Carney (2007), versando sobre *Música e Lugar*. Esse autor nos ofereceu um amplo panorama dos estudos conhecidos até então fora do Brasil. Temos também no

volume de 1999 um texto de Carlos Eduardo Santos Maia (1999) que abordou as festas populares, oferecendo reflexões relacionadas à música. Isso porque, como bem nos alerta Zeny Rosendahl (2020), nas abordagens culturais os recortes não são excludentes, muito pelo contrário, interpenetram-se. Para finalizar, essa coleção trouxe no volume de 2009 *Cinema, Música e Espaço*, o texto de Lily Kong (2009) intitulado *Música Popular nas análises geográficas*, dando acesso aos escritos desta autora para o público brasileiro.

Este presente dossiê nasceu de um primeiro esforço de três pesquisadores brasileiros e um argentino em organizar um número sobre Geografia e Música no âmbito da América Latina. O convite foi feito pela *Revista Punto Sur* de Buenos Aires. Lançamos uma chamada nas redes sociais no ano de 2019 e, para o nosso espanto, a quantidade de artigos que recebemos extrapolou o tamanho que aquela revista poderia acolher. Isso gerou um profundo entusiasmo no grupo pois pudemos comprovar o crescente interesse de pesquisadores neste campo. Mas, por outro lado, nos deixou numa situação difícil pois todos eram artigos interessantes e não encontramos critérios para não aceitá-los. Naquele momento achamos que mais importante seria dar vazão a esse movimento de crescente interesse e que trouxe um diálogo inédito entre investigadores de diferentes países do nosso continente. Nossa estratégia foi retirar os artigos dos quatro editores e buscar uma outra revista que pudesse acolher um segundo volume desta empreitada. E, mais uma vez, a E&C estava lá. Aberta, disposta a apoiar as iniciativas que novos pesquisadores propõem. Por isso nossa gratidão à Mariana Lamego e André Reyes Novaes por abrirem as portas desta revista, mais uma vez.

Esse grupo de pesquisadores vem trabalhando conjuntamente já há alguns anos. É importante mapear esses encontros para mostrar o quanto as ideias crescem e se fortificam através das trocas intelectuais e das parcerias afetivas. Um primeiro momento foi um encontro organizado em Juiz de Fora por Carlos Maia no ano de 2011. Esse evento abordou temas de Geografia, Música e Festas Populares. No ano seguinte, em 2012, Lucas Panitz organizou em Porto Alegre um encontro sobre Geografia, Literatura e Música. A partir deste momento passamos a acompanhar os trabalhos uns dos outros e a promover outros pequenos encontros como o da Unicamp em 2013,

organizado por Cristiano Alves e outro na USP organizado por Julia Andrade, também no ano de 2013.

A partir do ano de 2016, nos Simpósios Internacionais sobre Geografia e Cultura do NEPEC, passa a ser organizado o Grupo de Trabalho sobre Música e Literatura. No evento seguinte, em 2018, devido ao crescimento dos trabalhos inscritos, o GT passou a tratar exclusivamente de música e tivemos 18 trabalhos apresentados. Neste ano também uma das Mesas Redondas foi dedicada à temática trazendo Lucas Panitz, agora professor da UFRGS, Alessandro Dozena da UFRN e Julia Andrade agora professora da UERJ.

Junto do Encontro Nacional de Pós Graduação em Geografia – ENANPEGE, também se consolidou um Grupo de Trabalho sobre *Geografia, Música e Sons*. Já foram três episódios nos anos de 2017, 2019 e 2021, abrangendo uma multiplicidade de abordagens e de participantes pois, em média, contamos com 40 contribuições a cada edição do evento. O GT do ENANPEGE teve como coordenadores em 2021: Alessandro Dozena (UFRN), Marcos Alberto Torres (UFPR), Cristiano Nunes Alves (UEMA), Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde (USP) e Christian Dennys Monteiro De Oliveira (UFC); em 2019 Alessandro Dozena (UFRN), Marcos Alberto Torres (UFPR) e Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde (USP); e em 2017: Alessandro Dozena (UFRN), Marcos Alberto Torres (UFPR), Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde (USP) e Álvaro Luiz Heidrich (UFRGS).

Vale destacar que muitos outros eventos aconteceram em universidades nacionais e foram momentos importantes na estruturação das reflexões que agora se afluem. O que podemos afirmar é que há uma interessante movimentação de novos pesquisadores (as) no Brasil, que vêm se encontrando nos últimos anos, acompanhada do desenvolvimento de pesquisas relacionadas às dimensões geográfico-musicais. Esse fato foi impulsionado por Alessandro Dozena, a partir da organização e publicação do livro *Geografia e Música: Diálogos* (em 2016). Essa obra se tornou uma referência para o campo no Brasil. Além deste livro podemos destacar a organização por Alessandro Dozena em 2018, do dossiê na Revista Geograficidade (Geografia, Música e Sons)

Todo esse movimento nos leva a pensar: Podemos, de fato, considerar a maturidade de uma geografia da música? Uma geografia que tenha como objeto a música enquanto uma atividade humana que, como todas as outras, possui uma espacialidade? A resposta não é só afirmativa, como encontra lastro na história do pensamento geográfico ocidental. O estudo da dimensão espacial / geográfica da música surgiu ao fim do século XIX pelas mãos de etnólogos alemães, com influência direta da perspectiva difusionista de Ratzel. Mais tarde, nas primeiras décadas do século XX, a geografia da música aparece nominalmente como um novo campo de pesquisa na geografia francesa e, posteriormente, na metade do século, como um campo específico da geografia cultural saueriana. Algumas décadas depois ela surge na geografia brasileira, encontrando não só uma enorme diversidade musical, mas também uma diversidade de perspectivas geográficas que enriquecem o olhar sobre o território brasileiro. Para entendermos a evolução das pesquisas sobre geografia da música no Brasil é necessário olhar para as recentes movimentações de geógrafas/os que vêm se encontrando nos últimos anos e acumulando debates, publicações e parcerias. E esse número da E&C revela parte desse momento.

Abrimos esse dossiê com o texto de Lucas Panitz intitulado “Geografia da Música: Um balanço de trinta anos de pesquisas no Brasil”. O autor atualiza seus estudos pioneiros sobre a genealogia das abordagens feitas pela geografia no campo da música. Fruto da sua dissertação de mestrado defendida ainda em 2010, esses estudos orientam muitos pesquisadores (as) que trabalham com a temática. Dez anos depois, a quantidade de novas contribuições que foram surgindo exigiu dele uma nova reflexão de fôlego que abordasse esse fenômeno atual.

O segundo artigo é assinado por Alessandro Dozena e Caio Padilha e leva o título: “Rabecas e bois na escuta de territórios inesperados”. Ele nos oferece uma reflexão sobre as diferentes sonoridades da rabeca presentes nas manifestações de bois, quando observadas no âmbito da diversidade territorial brasileira. Mais do que isso, os autores nos desafiam a pensar que a rabeca, enquanto expressão cultural e territorial, ganha novos sentidos, desafia novas escutas e outras racionalidades quando observadas as diferenças regionais.

Com isso, os autores propõem uma superação dos estereótipos historicamente consolidados em torno da região nordeste, em nome de novas possibilidades reais e contemporâneas para uma reinvenção da ideia de nordeste.

O terceiro artigo do dossiê é assinado pelo argentino Agustín Arosteguy e leva o título de "Cerro Colorado: mistério de uma paisagem sonora". Aqui o autor mergulha na obra musical de Atahualpa Yupanqui que se refugiou na região de Cerro Colorado durante o período de perseguição política que sofreu na Argentina. A partir destas composições musicais, Arosteguy alia o pensamento de Ricardo Rojas na busca de interpretações sobre o território. Mantivemos esse artigo na língua original.

O quarto artigo é assinado por Julia Andrade e é uma reflexão sobre o documentário que a própria geógrafa produziu sobre um grupo de músicos de choro do Rio de Janeiro. No ano de 2020, preocupados com a falta de espaço que o choro enfrentava tanto nas rádios e gravadoras quanto, nas rodas, nas ruas e bares, alguns instrumentistas começaram a organizar aulas e oficinas de prática. A iniciativa cresceu nos últimos vinte anos e hoje acolhe alunos e alunas de todo o Brasil e estrangeiros. Investigar as consequências desta iniciativa na cena musical carioca e internacional foi o tema do documentário. O artigo também discute a experiência de apresentar resultados de pesquisa não através de um texto escrito, mas sim de um audiovisual.

O quinto artigo é assinado pelo etnomusicólogo Edilberto Fonseca. Ele nos apresenta como esse campo vizinho à geografia lida com as pesquisas entre práticas musicais e o território. Para ele o trabalho de campo, que coloca a etnografia no centro das atenções, possui em papel histórico e político. No artigo ele discute as marcas deixadas na pesquisa acadêmica pela colonialidade, entendida como um processo constitutivo da modernidade.

O sexto artigo, de autoria de Caio Padilha e Alessandro Dozena, intitula-se "Modulações do som e do espaço na rabeca armorial". Os autores, sintonizados com o Movimento Armorial, propõem a noção de rabeca armorial, representante de regionalidades específicas, que desde 1970, foram incorporadas na performatividade do discurso sonoro/musical brasileiro. Tanto no Movimento Modernista quanto no Movimento Armorial, os efeitos discursivos e institucionais hegemônicos estabeleceram a diferença entre o

popular e o erudito, por meio da rabeca e do violino. Os autores reconhecem que a derrocada do Movimento Armorial no final do século XX não foi capaz de exorcizar das rabecas brasileiras aquela "essência cultural do sertão nordestino". Desse modo, nos oferecem uma discussão original sobre a rabeca armorial no contexto musical brasileiro contemporâneo.

O sétimo artigo é do etnomusicólogo chileno Christian Spencer Espinosa, autor do texto "Urbanismo musical em América: história de um itinerário intelectual". A partir de uma abordagem interdisciplinar, Espinosa busca mapear as disciplinas e os conceitos que trabalham e refletem a relação entre o som na cidade e os impactos nas pessoas e grupos sociais. Assim, ele remonta à década de 1970 na América Latina, para demonstrar que existe uma área cinza e interdisciplinar, o que ele chama de "urbanismo musical". Tal urbanismo vem crescendo significativamente nas últimas décadas, apesar de ter mais de meio século de desenvolvimento. Este é o segundo trabalho em espanhol no dossiê.

O oitavo texto, assinado pela dupla Pedro Strukelj e Simao Hernández, com o título de "Jarocho jam como patrimônio aberto", está também em espanhol. A partir do som tradicional do Jarocho, vinculado à região de Veracruz no México, os autores buscam questionar até onde uma música pode ser representativa de uma identidade, ora regional, ora nacional, em um contexto tão globalizado e interconectado como o atual, no qual as características culturais são constantemente influenciadas, modificadas e ressignificadas. Como caso de estudo para essa discussão, eles tomam como ponto de partida o grupo *veracruzano* "Los Baxin", durante a turnê de concertos e oficinas em Barcelona.

O nono artigo deste dossiê é parte da investigação doutoral de Vitor João Ramos Alves intitulada "As rodas de samba do Distrito Federal Brasileiro, patrimônio-territorial latinoamericano, expressão de resistência espacial negra". O autor tem o intuito de compreender o movimento do samba no território de Brasília, buscando identificar os principais agentes que compõem as redes territoriais de sociabilidade. Como resultado a destacar, a pesquisa revelou que estas redes se constroem como resistência, utopia e luta contra a violência imposta à população trabalhadora e residente nas zonas

periféricas, sem direitos nem oportunidades para a melhoria de sua qualidade de vida.

Para encerrar essa coleção, o texto que oferecemos é uma tradução efetuada por Alessandro Dozena e Lucas Panitz, a partir do texto original em francês do geógrafo Yves Raibaud - professor da Universidade Bordeaux Montaigne. Sob o título de “Música e território: o que a geografia pode dizer a partir da França”, o autor nos oferece uma análise bastante atual de como a nossa disciplina vem trabalhando a temática. Ele enfrenta a pergunta recorrente: será mesmo que a música é de fato um objeto geográfico? Para ele, a resposta é afirmativa, e por isso passa a mapear maneiras empíricas e multidisciplinares patenteadas por pesquisadores e pesquisadoras em suas investigações. Apesar do título, o artigo evidencia contribuições de diferentes países e autores(as). Para Raibaud, uma das consequências epistemológicas advindas da virada cultural, foi a concretização da Geomúsica.

Finalmente, queremos fazer uma breve reflexão sobre a fotografia que usamos na capa deste dossiê. Trata-se de uma imagem da fotógrafa paulista Bia Castelo. Nela, a sombra de um músico é refletida nas pedras de uma parede. Por quê usamos justamente essa imagem para a capa? Porque a geografia da música tem algo de imaterialidade que nos desconcerta. Por mais que ela seja produzida por sujeitos reais e físicos, em territórios palpáveis e cartografáveis, ela conserva uma essência de imaterialidade. O som é real (medível em decibéis), mas ele é invisível. A gente fotografa a performance, descreve sensações... Porém, por mais que possamos mapear locais de usos musicais, eles são voláteis. O que queremos dizer é que estudar a geografia da música é diferente de lidar com a geografia das indústrias com seus galpões, frotas de caminhões, maquinários e operários. A sombra na parede revela a existência do sujeito. Está visível na materialidade urbana da pedra da rua. Mas essa é apenas uma parte da coisa. O principal está além da presença da sombra que evidencia a materialidade do corpo. O próprio corpo também se oculta no jogo de significados, quando estudamos os sons. Ora ele aparece como marca (presença e resistência), ora ele é imanência e potência. Isso é desconfortável para nós porque exige um lastro de materialidade que muitas vezes só aparece em um jogo complexo de relações. Tal fato não

desautoriza os geógrafos(as) a trabalhar essa temática (como a gente ouve sempre: isso não é geografia). Muito pelo contrário. Assim como o Mito da Caverna de Platão, a sombra nos instiga a ir além. Por esse motivo podemos pensar que a geografia da música pode nos ajudar a encontrar uma nova geografia do movimento em que sujeitos ocultos nunca foram revelados.

Com esta dupla publicação e, em particular esta da revista *Espaço e Cultura*, esperamos contribuir não só para o reconhecimento deste campo de estudos, como principalmente para um diálogo com outras disciplinas das ciências humanas e sociais que têm se dedicado à compreensão da sociedade e da cultura por meio da música.

Desejamos a todas/os uma ótima leitura.

Julia Andrade
Alessandro Dozena
Lucas Panitz
Agustín Arosteguy

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Cristiano Nunes. Repercussão espacial do circuito FM: as emissoras concessionadas e os eventos musicais em Campinas. In *Revista Espaço e Cultura* número 30 jul – dez 2011.

CARNEY, Georges Música e Lugar. In *Literatura Música e Espaço* ROSENDAHL e CORRÊA (org) Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

DOZENA, Alessandro. Os sons como linguagens espaciais. In *Revista Espaço e Cultura – Geografia dos Sons e Literatura*. Número 45 – janeiro – junho de 2019.

FERREIRA, Marta Martines “Viola de cocho pantaneira: história e memória”. *Revista Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, N. 40, P. 99-112, JUL./DEZ. DE 2016 <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>

KONG, Lilly Música Popular nas Análises geográficas. In *Cinema, Música e Espaço*. CORRÊA e ROSENDAHL (org). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

LAMEGO, M; NOVAES, André; OLIVEIRA, Jefferson. Sobre a História de uma revista: materialidade e pluralidade temática. In *Revista Espaço e Cultura* número 49, jan-jul. 2021

MAIA, Carlos Ensaio Interpretativo da dimensão espacial das festas populares In *Manifestações da cultura no espaço* ROSENDAHL, e CORRÊA (org) – Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

MOREAUX, Michel. Performance e música: Possibilidades de trocas afetivas e de ocupação do espaço público no festival ativista de fanfarras Honk! Rio 2018. In *Revista Espaço e Cultura – Geografia dos Sons e Literatura*. Número 45 – janeiro – junho de 2019.

PANITZ, Lucas Manassi. Redes musicais e (re)composições territoriais no Prata: por uma geografia da música. In *Revista Espaço e Cultura – Geografia dos Sons e Literatura*. Número 45 – janeiro – junho de 2019.

ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. A revista Espaço e Cultura: O contexto e o texto. In *Revista Espaço e Cultura* 48, 2020.